

As mulheres pioneiras no Memorial do Pioneiro: inscrições e relações de gênero no espaço urbano de Londrina – PR**Bruno Sanches Mariante da SILVA***

Resumo: As representações sobre o pioneirismo sempre estiveram presentes nos diversos discursos elaborados acerca do processo de formação da cidade de Londrina – norte do Paraná –, constando, portanto, de forma contundente na memória coletiva londrinense. Desse modo, é assumindo que a cidade é um artefato, isto é, um produto imaginado e construído pela ação da mão humana, que se entende que o espaço urbano pode ser instrumento para consolidação e enquadramento de memórias, uma vez que os espaços urbanos estão repletos de elementos que funcionam como suportes para a(s) memória(s). Destarte, no presente artigo a análise está voltada para o conjunto monumental “Memorial do Pioneiro”, em Londrina, a fim de refletir sobre as representações de gênero presentes no espaço urbano, sobretudo no que diz respeito aos discursos acerca do pioneirismo, investigando a extensão e transformações do conceito de “pioneiro” e “pioneira”.

Palavras-chave: Londrina. Gênero. Espaço urbano. Pioneirismo. Monumentos.

Pioneer women at Memorial do Pioneiro: inscriptions and gender relations in the urban area of Londrina – PR

Abstract: The representations of pioneering always been present in various discourses elaborated on the process of formation of the city of Londrina – North of Paraná state (PR). These representations are therefore quite present in Londrina’s collective memory. Thus, assuming that the city is an artifact, that is, a product imagined and built by the action of the human hand, we understand that urban space may be an instrument for consolidation and framing of memories, since the urban spaces are filled with elements that act as supports for the memory(ies). Thus, in this article we will take under consideration the monumental set “Memorial do Pioneiro” in Londrina, in order to reflect on the representations of gender present in urban space, especially regarding the discourses about pioneering, investigating the extension and transformations of the concept of “male pioneer” and “female pioneer”.

Keywords: Londrina. Gender. Urban space. Pioneering. Monuments.

* Doutorando em História e Sociedade. Programa de Pós Graduação em História e Sociedade - Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis. Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis - Av. Dom Antonio, 2.100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil. Bolsista Capes. bruno_sanches1987@hotmail.com

1 Introdução

A palavra “*londrina*” é um substantivo feminino. Este vocábulo da língua portuguesa refere-se às mulheres nascidas em Londres, capital da Inglaterra. Pode, também, ser classificado como adjetivo quando usado para especificar algo que venha de Londres ou lá seja produzido. O nome da “capital” do Norte do Paraná se deve, sobretudo, à influência da outra capital, a inglesa, na formação dos empreendimentos-cidades na região. Desta forma, é como se fossem cidades londrinas, feitas em Londres e/ou por Londres.

A porção setentrional do estado do Paraná foi alvo de uma ação capitalista racional com o objetivo de lotear e vender os 515 mil alqueires que a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) – subsidiária brasileira da empresa inglesa Paraná Plantations – adquiriu do Governo do Estado, em 1925. Os primeiros clientes chegaram no ano de 1930 e não pararam mais de chegar. Uma fronteira em movimento, aventura bandeirante, desbravamento, descobrimento, são representações recorrentes acerca da história da formação dos núcleos urbanos no Norte do Paraná, em especial Londrina. São representações comumente associadas à força e ao poder masculino, uma vez que um lugar inóspito e perigoso não combinaria – de acordo com o pensamento normativo – com os gestos meigos e frágeis das mulheres. Mesmo que, pela necessidade da ocasião, elas tenham se despedido desse véu de imaculada proteção para viverem e construírem seus sonhos e futuros numa terra ainda inóspita, e foram, em geral, alijadas da memória hegemônica, marcadamente masculina.

Nesta sociedade construída por homens – “pioneiros” – a aventura, a coragem, o espírito bandeirante, identificados aos “gestos audaciosos de comprar terras, de derrubar florestas, e de plantar extensas lavouras”, nortearão a produção da memória e foram imprescindíveis para a construção dos discursos sobre o “progresso”. (CASTRO, 1994, p.17-18).

Sobre o pioneirismo no Norte do Paraná há grande debate na sociedade e na academia. Esses personagens são tidos como exemplos da bravura e do empreendedorismo, pois são aqueles que chegaram primeiro e desbravaram as terras virgens, forjaram uma cidade-clareira. Durante muito tempo, cultuou-se alguns personagens e famílias “pioneiras”, com monumentos, nomes de ruas, espaços museológicos e grande destaque em publicações e ações públicas. No entanto, hoje, a historiografia relativiza este conceito apontando que são considerados pioneiros não apenas aqueles que chegaram e “deram certo”, mas também aqueles que vieram para trabalhar no campo, colher o café, e muitos não conseguiram enriquecer com ele. A categoria “pioneira” sempre foi muito vaga e pouco referenciada, pois à figura feminina, no pensamento normativo, não se associa a

imagem de bravura que a empreitada pioneira demandaria, sendo, portanto, as mulheres, em grande parte, preteridas na memória oficial tradicional, ou então são a elas imputadas outras representações, provocando um distanciamento entre as categorias de “pioneiro” e “pioneira”.

As mulheres chegaram à Londrina, em geral, depois de seus maridos, seguindo uma tendência presente em diversas zonas de colonização, onde homens migram primeiramente sós para darem início aos trabalhos de desmatamento e construção das habitações para, em seguida, buscarem as mães, filhas, irmãs e esposas que deixaram em terras de origem. Tendência confirmada pelos dados de estimativas da população londrinense, habitante da zona urbana em 1937. Nesse momento, 60% dos habitantes acima dos 15 anos eram do sexo masculino¹. De acordo com o Recenseamento Geral do Brasil, realizado em 1940, tal predominância quantitativa se matinha, mas já era menor, pois Londrina contava com 75.296 habitantes, sendo 39.745 homens e 35.551 mulheres, 52,78% e 47,21% respectivamente (BONI, 2009).

Deslocando-se ao mesmo tempo ou subsequentemente, o fato é que os “pioneiros” não vieram sozinhos, trouxeram suas esposas, que enfrentaram as agruras da construção da cidade, pois Londrina, até o início da década de 1940, ainda era um sonho a se fazer. Esses dados populacionais são importantes para que possamos compreender que mulheres e homens constituíram a população londrinense de forma igualitária. É preciso, contudo, dizer que migraram também viúvas, mulheres solteiras e prostitutas, ou seja, nem sempre se deslocaram com ou em razão de um homem.

No entanto, a presença masculina sempre fora tão forte e marcante que encobria a participação feminina, suas contribuições e seus papéis, em ambas as esferas – pública e privada (PERROT, 2005). Tanto o é que a história das mulheres se encontra fragmentada, dispersa, sempre indiciária. “As mulheres anônimas, quase sem história, parecem pertencer a uma categoria indistinta, destinadas ao silêncio, coadjuvantes e sombras tênues das ações masculinas, portanto relegadas ao esquecimento.” (CASTRO, 1994, p. 145). As mulheres foram obscurecidas por uma história oficial escrita por homens, na qual se narrou feitos de homens, sendo “[...] as mulheres, muito pouco ou quase nunca referidas nesses acontecimentos, [e] preencheram um espaço em que a presença e o olhar masculino não as alcançaram.” (BRISOLARA, 2007, p. 20). Esse espaço é o lar, eivado da ‘insignificância’ – diante dos grandes atos masculinos – do cotidiano doméstico feminino.

Considerando que a cidade é um artefato – produto imaginado e construído pela mão humana – procuramos sempre trazer próximo a nós a perspectiva de que o espaço urbano pode ser instrumento para consolidação e enquadramento de memórias. Isso acontece em razão de a memória ser construída, e de que o espaço urbano está repleto de elementos

que funcionam como suportes para a(s) memória(s), sendo os monumentos e as nomeações de ruas, alguns exemplos. A história e a memória estão gravadas nesses elementos, lembrando que o que sobrevive de nossas sociedades ao teste do tempo é sempre fruto de escolhas e diversos aparelhos urbanos são construídos para legarem alguma imagem da sociedade para as gerações futuras, são imbuídos da missão de transmitir um discurso, ao passo que rendem homenagens.

2 Pioneiros (as) e pioneirismos

Os pioneiros e as pioneiras, além de serem reverenciados(as) e imortalizados(as) por livros, biografias, espaços em museus, títulos honoríficos, nomes de ruas, avenidas e praças, também receberam homenagens pela criação de monumentos para aqueles(as) que decidiram tentar uma vida melhor no setentrião paranaense. Desse modo, propomos investigar o “Memorial do Pioneiro”, principal conjunto monumental em homenagem a esses homens e mulheres dos primórdios da cidade, inaugurado em 1º de maio de 2007, com uma grande celebração da memória, dotada de um caráter cênico de recriação do passado. Deteremo-nos sobre esse conjunto monumental com o intuito de pensarmos a contundente inserção dos festejados pioneiros e pioneiras no espaço urbano londrinense. Analisaremos a inscrição de 3.800 nomes de pioneiros e pioneiras e as imagens artísticas que representam cenas da vida cotidiana dos personagens no processo de formação da cidade, todos presentes no Memorial do Pioneiro.

Os pioneiros sempre foram reverenciados na história local em razão de suas ações, entendidas como formadoras da civilização londrinense em meio ao sertão e à mata bravia. Foram diversas as representações criadas acerca da cidade de Londrina e do processo empreendido pela Companhia de Terras Norte do Paraná, a partir de 1929, são imagens como Terra de Promissão e Eldorado Cafeeiro, que logo se expandiram pelo Brasil e pelo mundo. Nesse bojo da formação do imaginário sobre a região, foram elaboradas também as representações sobre aqueles que viriam a ocupar essa área e ingressar com o trabalho.

Nos períodos em questão – os anos do Eldorado – a representação do pioneiro portava um conjunto e significados distintos: ao mesmo tempo em que era identificado ao pioneiro norte-americano, era revestido da aura épico-mítica do bandeirante paulista, o que tornou possível a incorporação, em seu conteúdo, tanto da idéia de desbravador, como a do fazendeiro de café, representado também como um bandeirante moderno. Essas associações foram facilitadas e mesmo estimuladas pelo amplo significado do termo pioneiro, que é originário do francês – pionnier – e quer dizer: militar, separador, explorador de sertões. (ARIAS NETO, 1995, p.70).

A bravura e a coragem são associadas ao progresso e ao desenvolvimento da cidade, assim como das pessoas que neles estavam empenhadas. Essas imagens e construções a respeito desses personagens são bastante comuns em publicações como revistas e álbuns comemorativos de datas especiais, como os jubileus de Prata (1959) e de Ouro (1984). O conceito de pioneiro e pioneirismo, intrínseco às representações presentes nas obras comemorativas, é daquele homem migrante que enfrentou a mata bravia e as agruras de uma cidade por se fazer e, mesmo assim, conseguiu vencer, edificando família e patrimônio. O pioneiro é um vencedor. Faz parte, portanto, desse conceito de pioneirismo aqueles pioneiros líderes, os pioneiros bem-sucedidos.

Chamam a atenção as comemorações dos cinquenta anos da cidade, em 1984, quando começa a haver uma mudança significativa no entendimento sobre o pioneirismo. O Cinquentenário foi um evento de grandes proporções, que ocupou a cidade o ano inteiro com o propósito de celebrar o crescimento e o desenvolvimento daquela pequena clareira na mata.²

No decorrer de 1984, quando foram comemorados os cinquenta anos do município de Londrina, uma extensa série de festividades foi preparada pelo poder público e também por diversos grupos organizados. Houve a aprovação, na Câmara de Vereadores, de um projeto de lei do Executivo Municipal que visava instituir o título honorífico “Pioneiro de Londrina”. A lei previa, em seu segundo artigo, que seriam “[...] distinguidos com o título de ‘Pioneiro de Londrina’, **sem discriminação de qualquer espécie**, todos aqueles que se fixaram na área que hoje compreende o território do Município de Londrina, no período do desbravamento até o final do ano de 1934.” (LONDRINA, LEI MUNICIPAL Nº 3.738, DE 09/11/1984, grifos nossos). A validação do título advinha da entrega de um diploma de pioneiro³.

A criação desse título e a forma como foi distribuído configuram o primeiro passo para a ampliação definitiva do conceito de pioneiro. Anteriormente, havia algumas personalidades tomadas como pioneiras, mas se tratava de um número pequeno e pouco definido, sempre sustentado pela concepção de sucesso. Para o cinquentenário, houve uma delimitação mais clara, assim como mais abrangente, do conceito, uma vez que, independente das posses e do gênero, era considerado pioneiro toda e qualquer pessoa que tivesse se estabelecido na área, hoje compreendida como Londrina, a partir de 1929 até 1934⁴.

Esse conceito de pioneirismo será expandido e ressignificado pelo Memorial do Pioneiro, por sua estrutura em si, como mostraremos, mas, em especial, pela datação adotada (21/8/1929 até 31/12/1939). No entanto, foi preciso um longo caminho para que se definissem como e onde seria o aguardado Memorial do Pioneiro.

A construção do Memorial do Pioneiro remonta a 2004, quando a Prefeitura Municipal de Londrina, em parceria com o Clube de Engenharia e Arquitetura de Londrina, abriu edital para um concurso nacional visando escolher um projeto arquitetônico para abrigar o chamado “Memorial do Pioneiro”. A ideia inicial era dedicar um espaço à memória dos homens e mulheres que construíram a cidade e ainda proteger e preservar a composição ferroviária (três vagões), localizada no pátio do Museu Histórico Padre Carlos Weiss. Uma das condições previstas no edital era a integração entre o prédio da antiga ferroviária (e hoje Museu) e o novo elemento arquitetônico, sem descaracterizar o primeiro.

O projeto selecionado foi anunciado em 14 de dezembro de 2004. De autoria de Renato Mateus Gorne Viani, a proposta previa uma área construída de aproximadamente 360 metros quadrados, sendo edificada em estrutura metálica na forma de meia parábola coberta de vidro. Haveria espaço, sob essa estrutura, para as duas principais funções que a obra deveria cumprir, ou seja, proteger os vagões e receber a inscrição dos nomes dos pioneiros e das pioneiras da cidade. Todavia, um acirrado debate se deu em razão do grande contraste entre o antigo e o moderno.

Mesmo com os recursos financeiros aprovados, foi preciso pôr tudo em suspenso em virtude do acirramento do debate sobre a construção, causando atraso à obra. Nesse contexto, surge uma proposta de moradores e comerciantes do centro da cidade, encaminhada diretamente ao prefeito, pedindo que o Memorial fosse erguido junto à Concha Acústica, na Praça 1º de Maio.

O então prefeito, Nedson Luiz Michelletti⁵, decidiu e, no dia 30 de junho de 2005, anunciou a construção do Memorial na Travessa Maestro Egídio Camargo Amaral, logradouro que ladeia a Concha Acústica. A construção do Memorial acompanharia uma revitalização desse espaço, na época quase cinquentenário, indo ao encontro dos anseios de partes da população. O projeto definitivo, executado para o Memorial, foi criado pelo órgão de urbanismo da Prefeitura, o IPPUL (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina). Importante destacar que se trata de projeto aprovado sem concurso e sem extensa consulta à população. De acordo com o novo projeto, foram erguidas 17 estruturas com quatro faces e 2 metros de altura, compondo o monumento que abriga os nomes dos homenageados. Além disso, a Travessa Maestro Egídio Camargo Amaral foi fechada ao trânsito, revitalizada e preservada, pois era a última rua de paralelepípedo do centro da cidade.

A historiadora Sonia Adum refletindo sobre a construção do Memorial diz que:

No debate intenso que animava a imprensa, nos prós e contras levantados em torno do Memorial, em nenhum momento foi colocada em questão a pertinência da homenagem e a importância fundamental dos “pioneiros”

para a construção da cidade. Buscavam-se no passado os acontecimentos legitimadores da honra que se rendia aos heróis do desbravamento. (ADUM, 2009, p.14).

Vários aspectos da obra foram questionados, como o projeto, o local, o fechamento da rua, entre outros, mas nunca foi questionada a execução em si, tampouco o mérito que tinha para a cidade e para sua memória. Ninguém procurou questionar até onde valeria o esforço para homenagear os homens e mulheres que fundaram Londrina. E foi justamente no passado que se buscaram os elementos para a inauguração do Memorial que, depois de meses de atrasos, aconteceu no simbólico dia 1º de maio de 2007 – data do Jubileu de Ouro da Concha Acústica.

Nesse sentido, Adum (2009) comenta que se pode falar em uma “estética de acúmulo de símbolos”: a data remete ao nome da praça, a festa é “Igualmente uma comemoração do Dia do Trabalho (do suor dos pioneiros; do desbravamento; das dificuldades etc.) [...]” (ADUM, 2009, p.14), e os próprios pioneiros foram convidados e homenageados entrando apoteoticamente. A autora afirma que houve uma celebração e não uma solenidade política. O ponto alto dessa celebração aconteceu quando chegaram os mais antigos pioneiros ainda vivos na “catita” – primeiro ônibus da Viação Garcia, empresa fundada nos primórdios da cidade, e que foi responsável por transportar futuros habitantes até Londrina.

Para Adum (2009), a simplicidade do conjunto monumental e a opção por uma celebração desse caráter foram procedimentos que almejavam rememorar a história da Londrina ainda pequena, assim como colocar em evidência a importância dos pioneiros e a valorização da história da cidade. Concordamos que essas imagens, espalhadas pela malha urbana de uma cidade, estão profundamente ligadas à atribuição de sentido ao espaço.

Esse conjunto de imagens, inscrito no espaço urbano, é chamado de imaginária (*imagery*, em inglês, e *imagerie*, em francês) e, segundo Paulo Knauss, principal estudioso brasileiro acerca do tema, tal categoria, tomada enquanto coletivo de imagens urbanas, “[...] permite extrapolar a dimensão técnica e material da escultura e ao mesmo tempo abarcar o significado das noções de marco e monumento que se relacionam, respectivamente, à ordem espacial e temporal.” (KNAUSS, 1999a, p.7). Isso acontece porque a imaginária, por ser um coletivo de imagens, “[...] pode ser composta de diferentes objetos que definem diversas formas tipológicas: estátua, busto, escultura, marco, equipamento urbano etc.” (KNAUSS, 1999b, p.139).

Buscando compreender os sentidos atribuídos por meio da imaginária de uma cidade, é preciso ter em mente que a “Imaginária urbana se constitui em um discurso histórico que serve como recurso didático para promoção do civismo, sobretudo quando sua

produção envolve a mobilização da sociedade [...]” (KNAUSS, 2003, p.11). Os sentidos produzidos estão de acordo com as mentalidades da época, assim como em conjuração com os interesses dos grupos envolvidos. Por um lado, essas imagens “[...] tornam-se representações espaciais e históricas, relacionadas com o processo de construção social da identidade da sociedade.” (KNAUSS, 2003, p.11). A historiadora Sandra Pellegrini percebeu que:

A visibilidade das imagens expostas nos espaços abertos imprime aos observadores, sejam eles habitantes ou transeuntes ocasionais, uma dada leitura da cidade que lhes sugere a apreensão de marcos históricos e das memórias urbanas. (PELEGRINI, 2008, p. 218)

Knauss chama a atenção para a utilização de tais imagens urbanas como instrumentos da busca por legitimidade da ordem e do poder estabelecidos. Desse modo, cita Ballandier que, sobre o poder, afirma:

Nesse sentido sua perpetuação não se realiza, nem pelo domínio da força, nem pelas suas bases racionais [...] [O poder] só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial. [...] Logo o passado coletivo, elaborado em uma tradição, em costume, é a origem da legitimação (BALLANDIER, 1980, p.07 apud KNAUSS, 2003, p.12).

Assim, é imperativo atentar para o fato de que a imaginária urbana estreita os laços do passado com o presente, presentifica o pretérito, sacraliza-o e, com tais imagens, toma como referencial as bases afetivas da comunidade. Essas imagens, caras à população – ou a parcelas dela –, são elos de tempo e espaço.

A constituição do acervo de imagens urbanas se caracteriza, de um modo geral, por operações de significação, que organizam simbolicamente o tempo e o espaço da cidade ao instaurar referências universais no cotidiano da vida urbana. Frequentemente, esse movimento relaciona-se com motivações da conjuntura social, atualizando e redefinindo constantemente o significado das imagens urbanas. Nesse sentido, essas imagens se definem como produção social, servindo à construção de discursos acerca do passado, instaurando emblemas de poder que representam a sociedade e identificam suas estruturas sociais (KNAUSS, 2003, p.13).

Por conseguinte, queremos pensar os discursos sobre o pioneirismo, presentes no Memorial do Pioneiro, e como esse espaço urbano está carregado de intencionalidade, a ele atribuída pelos órgãos que o promoveram. Esse conjunto monumental integra a imaginária urbana londrinense, eivado de sentidos, e traz em si as disputas por poder simbólico, a

ratificação de certas relações sociais e a retificação de outras. Por fim, intentamos refletir sobre como o pioneirismo é abarcado nesse conjunto e, além, sobre como as mulheres são nele representadas.

Localizado no chamado quadrilátero central, o conjunto monumental do Memorial do Pioneiro conta com 17 monumentos em forma de obeliscos; o primeiro (próximo à Avenida Rio de Janeiro e ao prédio dos Correios) e o último (próximo à Avenida Senador Souza Naves e à Concha Acústica) servem como “capas” para todo o conjunto, pois são vermelhos, com as quatro estrelas presentes na bandeira de Londrina, e contam apenas com a inscrição “Memorial do Pioneiro”. Os demais (15) possuem quatro faces que contêm textos, imagens e nomes dos pioneiros. Em todos eles, as imagens utilizadas são do xilogravurista paulista radicado em Londrina, Paulo Menten, e foram aplicadas em formato tridimensional, por meio de placas de resina de mármore – material que se assemelha visualmente ao bronze –, por Roberto Vendramento.

Descendente de imigrantes alemães, Paulo Menten nasceu em São Paulo, em 17 de junho de 1927, e desde cedo mostrou tendência para as artes. Menten é hoje conhecido como um dos maiores gravuristas do Brasil, um mestre nessa arte e em suas diversas técnicas, com destaque para a xilogravura. Personalidade querida no cenário artístico londrinense, Menten formou alunos gravuristas, foi agraciado com documentário acerca de sua obra e vida, lançou livros, desenvolveu projetos para crianças, ajudou a fundar o Museu de Arte de Londrina e foi agraciado com o título de cidadão londrinense.



Figura 1: Mastro de abertura do Memorial do Pioneiro com Concha Acústica ao fundo.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2013.



Figura 2: Mastros que compõem o Memorial na Travessa Maestro Egídio Camargo do Amaral.
Fonte: Elaborada pelo autor, 2013.

Pensando sobre o feminino, é preciso destacar que a presença feminina é bastante recorrente na obra de Menten, tanto em seus trabalhos plásticos quanto em suas aventuras pelo mundo das palavras⁶. Sobre a importância das mulheres em suas obras, o artista escreveu: “Eu desenho mulheres em minhas gravuras, para serem lidas como poemas”⁷. Pode-se afirmar que na obra de Paulo Menten as mulheres aparecem, em geral, bastante sensuais, mas também trazem consigo ares de maternidade e sobriedade. Outra paixão de Menten ao longo de sua carreira foi a cidade de Londrina. A cidade que o acolheu na década de 1980 e da qual ele não queria ter de se separar. Ao longo de mais de duas décadas na pequena Londres, Menten criou grande profusão de gravuras sobre o cotidiano e as cenas urbanas, formando uma série que chamou de “Londrina Antiga”. Parte dessas criações, em exibição ao ar livre no Memorial do Pioneiro, pretendemos analisar em seguida.

Os sete mil amores do artista plástico por Londrina na série explodem no cotidiano da cidade de rostos anônimos e de casas de madeiras e se repartem em mulheres, que levam no corpo a assinatura de Menten, que afirma que o desenho delas é para ser lido como poesia. [...]. As gravuras que dão origem aos totens: rostos anônimos que ajudaram a erguer a cidade (O ‘PAI’, 2006).

3 O memorial

A fim de melhor analisar o conjunto monumental “Memorial do Pioneiro”, propomos descrevê-lo como se nos embrenhássemos por entre os 17 monumentos e os 3.800 nomes que lá estão inscritos⁸.

Num primeiro movimento, é preciso ressaltar que, nas fontes oficiais, advindas da Prefeitura Municipal, assim como nas notícias de jornais, o Memorial do Pioneiro sempre foi apresentado como um conjunto monumental, contendo 17 **totens**. Ao pensarmos a criação da imaginária urbana em qualquer cidade, e refletindo sobre esse caso específico londrinense, entendemos que a utilização pela Prefeitura Municipal do conceito totem, para denominar os elementos constituintes do Memorial do Pioneiro, é evada de significados e produz certos sentidos. A palavra totem tem origem na língua algouina, presente na tribo Ojibwa, predominante na região dos Grandes Lagos da América do Norte, e é uma derivação da palavra *ototeman* que, segundo Levi-Strauss (1975), significa “ele é de minha parentela”.

Os totens, encontrados tanto na América do Norte como na Oceania, não são apenas mastros com representações pictóricas de animais. Representam os animais guardiões, que protegem e orientam os nativos, tanto individual quanto coletivamente. É bastante comum, no imaginário norte-americano, a crença na transmutação física do nativo em certos animais. Isso se daria como uma forma de ajuda do totem ao seu protegido. Em geral – cada tribo ou etnia possui suas especificidades nesse aspecto –, a determinação sobre o totem se dá no nascimento.

O conceito do totemismo⁹ ficou bastante conhecido pelas representações que as tribos, imbuídas dessa concepção, fazem de seus totens em grandes mastros de madeira. Estes mastros, em comparação simplista, são, por um lado, como os brasões de famílias europeias, pois são marcas individuais ou coletivas que revelam muito sobre as identidades das tribos. Ao passo que são também uma forma de conexão com o sagrado e com os antepassados guardiões. É preciso lembrar que o totem significa que há uma relação de parentesco, os animais sagrados protegem as pessoas, pois elas são seus descendentes.

É desse arcabouço que a Prefeitura de Londrina se aproxima ao chamar os mastros, nos quais estão inscritos os 3.800 nomes de pioneiros, de totem. É como se essa construção sacralizasse os nomes lá inscritos. Aqueles pioneiros são como os totens, são os espíritos protetores dessa cidade e dessa população. O memorial do pioneiro indicaria, assim, por meio de um conjunto de mastros-totens, quem são os antepassados que protegem a população e a cidade.

A justaposição desses elementos implica na sacralização desses personagens, agora catapultados à posição de guardiões. Ainda mais denotada é a relação de parentesco que os totens exprimem e os mastros-totens representam. O discurso mítico nas tribos norte-americanas é o de que se descende diretamente desses protetores (totens). Os filhos, netos e bisnetos, que hoje celebram seus antepassados no Memorial do Pioneiro, ressignificariam essas relações totêmicas. No entanto, não podemos corroborar tal transposição de concepção, em razão das vastas e genuínas implicações que as civilizações totêmicas atribuem a tais elementos. Assim, denominaremos, diferentemente de nossas fontes, de mastros os dezessete elementos que constituem o Memorial do Pioneiro.

A fim de melhor descrevê-lo, vamos “percorrer” o Memorial, adentrando-o pela Avenida Rio de Janeiro, pois é a partir desse ponto que os nomes estão dispostos em ordem alfabética. Assim, o primeiro mastro é de apresentação: vermelho, com as quatro estrelas da bandeira londrinense. O segundo é uma homenagem aos “desbravadores”. Esse mastro contém três placas com conteúdo textual e uma com conteúdo imagético. Um dos textos presentes é assinado pelo então prefeito de Londrina, Nedson Luiz Michelletti. O prefeito inicia o texto dizendo:

Eles vieram de várias partes do Brasil e do mundo. Eram homens, mulheres e crianças. Atravessaram a floresta e os rios. Enfrentaram a lama, a poeira, as doenças, o isolamento, as dificuldades. Fizeram tudo isso em nome do sonho. E o sonho era edificar uma cidade para todos e a felicidade para cada um. (MICHELLETI, s/d)

Nas palavras de Nedson Michelletti, podemos perceber permanências e rupturas em relação a antigos discursos presentes na memória londrinense. O “discurso de felicidade” (ADUM, 1991) está presente, assim como o da diversidade étnica, que marcou o processo de formação da cidade de Londrina e o relato das agruras do viver e do construir uma cidade. Contudo, inova ao fazer clara menção às crianças e às mulheres, ambas tradicionalmente marginalizadas do discurso de bravura e hombridade, características tidas como indelévels daqueles construtores da cidade. Há, dessa forma, uma tentativa de ampliar as representações contidas nesse espaço urbano.

Os dois outros textos nesse mastro seguem a mesma trilha. Um deles é intitulado “O Pioneiro Desconhecido”, no qual há uma retratação prévia por parte da prefeitura, dizendo que “[...] nem sempre a história registra os nomes daqueles que a construíram.” e conclui, afirmando que “[...] o pioneiro desconhecido de Londrina ficará na memória de todos nós: o nome se perdeu, o valor humano se perpetuou.”, ou seja, já exime de culpa o monumento por, eventualmente, não ter contemplado todos. Importante destacar que há uma exaltação desse valor humano, desse destemor e coragem que fundaram Londrina. O último elemento

textual do mastro trata dos desbravadores, aqueles que estão situados em patamar anterior, no sentido temporal, à narrativa tradicional sobre a cidade e, conseqüentemente, são anteriores também à datação empreendida para o Memorial – de 21/8/1929 até 31/12/1939. Desse modo, o texto diz que, antes da chegada da primeira caravana da Companhia de Terras Norte do Paraná, “[...] alguns homens de coragem se aventuraram na grande floresta que dominava a terra vermelha. Foram eles desbravadores da futura Londrina. A eles nosso respeito e admiração.” Esses desbravadores referenciados nesse texto são posseiros e grileiros que já ocupavam as terras da futura Londrina antes da Companhia de Terra adquiri-las do Governo Paranaense (IVANO, 2001).

É passo inédito, na imaginária urbana, a representação desses personagens anteriores à Companhia de Terras, pois, tradicionalmente, a história de Londrina começa em 1929. Agora, então, o discurso tira do foco a Companhia de Terra, bem como a ação histórica formadora da cidade de Londrina. Mais uma vez, a bravura de homens é ressaltada e destacada como elemento forjador da cidade, e somente eles são os destinatários dessa homenagem, sem qualquer referência às mulheres e crianças que já habitavam a região.

O mastro seguinte é em homenagem aos indígenas e também contém três textos e uma imagem de Menten. O que se pode observar são textos escritos em kaingang, tribo que predominou nas terras do Sertão do Guayrá (como era conhecida a região Norte do Paraná). Todos os textos são acompanhados por sua tradução para o português. Há a seguinte passagem: “Aos povos indígenas, primeiros habitantes destas terras, a homenagem dos londrinenses de todas as épocas.” A imagem de Menten representa um indígena com arco e flecha apontados para o alto. Os demais mastros seguem o mesmo padrão, todos possuem quatro faces, sendo três delas ocupadas com a listagem de nomes e uma delas dedicada a uma obra de Menten em três dimensões.

O que se percebe pelos textos, pelas escolhas empreendidas e, especialmente, pela datação adotada (21/8/1929 até 31/12/1939) é que o conceito de pioneiro, utilizado no Memorial, foi ampliado. Sobretudo a datação nos mostra isso, pois, de acordo com a memória coletiva, e até então oficial, pioneiros eram aqueles que haviam chegado nos primórdios da colonização de Londrina e que haviam obtido sucesso. A concepção de pioneiro estava diretamente ligada ao “vencer”, ao “fazer algo”, ao “marcar a história”. A periodização nessa concepção era muito flexível, houve pioneiros que chegaram em 1930 e outros que chegaram por volta dos anos de 1950. A datação não era o foco, mas sim os feitos realizados. O Memorial do Pioneiro segue o padrão iniciado nas comemorações do Jubileu de Ouro e estabelece uma periodização, ampliando, nesse caso, a criada para o Cinquentenário. Os textos reconhecem a importância dos agentes que atuaram antes de a

CTNP chegar à região, como posseiros e indígenas, estendendo, dessa forma, a ideia de pioneiro – desbravador.

Registra-se, assim, uma expansão, não só conceitual, mas também numérica. No imaginário, em que antes havia um pequeno número impreciso de “pioneiros-vencedores”, posteriormente passou-se a 577 “Pioneiros de Londrina” com certificado. Hoje há 3.800 nomes gravados e expostos em praça, considerados “pioneiros e pioneiras”, ou seja, “aqueles que chegaram primeiro”. Igualmente, Sonia Adum considera que:

Neste sentido [...] houve o abandono, na nova perspectiva de pioneiro que timidamente se instaura, do componente “aqueles que venceram” instituindo-se, de forma mais incisiva, o componente “todos aqueles que chegaram primeiro” (ADUM, 2005, p.15).

Nesse novo paradigma, a Companhia de Terras não aparece com destaque. Seus funcionários, muito prestigiados anteriormente, agora aparecem em ordem alfabética junto com todos os(as) gaúchos(as), mineiros(as), paulistas, japoneses(as), italianos(as), poloneses(as) que decidiram, na “pequena Londres”, tentar a sorte de uma vida melhor.

4 As mulheres pioneiras no Memorial do Pioneiro

O que esperamos refletir é: Que espaço as mulheres têm nesse novo conceito de pioneiro e pioneirismo? A ampliação do entendimento acerca do pioneirismo em Londrina acarretou uma ampliação similar da presença feminina representada no espaço urbano?

Para refletirmos sobre a presença feminina no espaço urbano londrinense pretendemos cotejar o Memorial do Pioneiro e seus 3.800 nomes e o batismo de logradouros públicos em Londrina no período de 1950 até 2008. Averiguar as nomeações de ruas de uma cidade é procurar compreender os processos de formação e reformatação das memórias e suas representações. Podemos considerar os diversos elementos urbanos (prédios, praças, bairros, ruas, monumentos, entre outros) como documentos para que histórias possam ser narradas, tendo em vista que são a expressão de momentos passados, artefatos e imagens da cidade, tornando-se, assim, representações da memória.

Assim, em números gerais, verificamos que entre 1950 e 2008 foram batizados 4.709 logradouros em Londrina, dos quais 699 com nomes de mulheres, o que representa 14,84% do total de ruas, praças e avenidas ao longo de seis décadas da cidade¹⁰.

Do montante de 699 logradouros batizados com nomes de mulheres desde 1950, 94,1% são denominados como “rua”, os outros 5,9% dividem-se entre algumas praças, avenidas, rotatórias e uma ponte. De todos os logradouros londrinenses, obtivemos o

número total na malha urbana londrinense de 261 praças e 164 avenidas, mas, entre eles, identificamos apenas 32 e 10, respectivamente, batizados com nomes de mulheres. Esses dados mostram que as mulheres foram homenageadas em 6,09% das vias mais importantes da cidade, as avenidas; e em 12,2% dos espaços destinados ao lazer e à fruição da população, as praças. É necessário destacar que essas homenagens ficaram restritas aos logradouros mais simples, revelando que as mulheres foram menos representadas nos logradouros de maior destaque e importância. A leitura histórica apurada do espaço urbano nos leva à percepção de uma – sutil – discriminação de gênero.

Ao refletirmos sobre o Memorial do Pioneiro e o manejo dos conceitos de pioneiro(a) e pioneirismos, como primeira constatação, percebemos que há uma ampliação do espaço que as mulheres ocupam, uma vez que, no Memorial do Pioneiro, elas são numericamente mais presentes do que nos logradouros. São 1.212 nomes de mulheres, entre os 3.800 nomes registrados, o que perfaz 32% do total dos nomes inscritos no Memorial do Pioneiro¹¹. Nesse contexto, podemos perceber uma participação maior das mulheres, pois elas ocupam 32% no memorial contra 14% nos logradouros públicos da cidade. Com a diferença de que aqui não há uma questão explícita de mérito, de condição de social ou de biografia. O critério para ter o nome incluído no Memorial é ter chegado a Londrina entre 21 de agosto de 1929 (dia em que chegou a primeira caravana de funcionários. É preciso, primeiramente, explicar a origem dos nomes que compõem o Memorial do Pioneiro. Ficou a cargo do Museu Histórico de Londrina (MHL) organizar as listagens nominiais que comporiam os monumentos, e isso se deu por duas maneiras. Uma das formas foi o MHL ter utilizado seus arquivos de cadastro de pioneiros, proveniente, sobretudo, das comemorações do Cinquentenário de Londrina, quando a população apresentou dados sobre seus familiares. A outra fonte foi a criação de um instrumento para cadastramento de pioneiros, conclamados a se apresentar – ou seus descendentes – no Museu Histórico. Uma ficha ficou disponível na página eletrônica do Museu para cadastramento de novos nomes.

da CTNP) até 31 de dezembro de 1939.

Assim, entendemos que há um processo de descentralização da memória no espaço urbano por meio do Memorial do Pioneiro, porquanto ali estão representados homens, mulheres, brancos, negros, japoneses, alemães, italianos, nordestinos, entre outros. Se pensarmos em termos do memorial e da nomenclatura urbana, algumas personagens são notoriamente mais destacadas, pois constam em ambos. Constatamos que 87 das mulheres homenageadas com nomes de ruas estão, também, presentes no Memorial do Pioneiro. Perguntamo-nos, então, quem são essas mulheres homenageadas nesse conjunto monumental feito para lembrar os ditos pioneiros e pioneiras.

O MHL, com o intuito de reunir maior número de nomes a serem homenageados, incluiu na listagem de pioneiros aqueles que constavam como referências pessoais, mas não possuíam uma ficha própria. Isso foi possível porque o pioneiro ou seus descendentes citavam pessoas com as quais migraram para Londrina ou que fizeram parte de sua vida, sendo os graus de parentesco mais comuns os cônjuges e filhos. Por exemplo, em uma ficha de pioneira, quando indagada se viera acompanhada, constava esta resposta:

Sim. João Cortez Simão, Maria Tereza Portilho, Afonso Cortez Simão, Maravilha Simão Cortez, Pedro Simão Cortez, Rubens Simão Cortez, Eurípedes Simão Cortez, seus irmãos. E seus pais, Raymundo Cortez Navarro e Josefa Simão Gimenes (Ficha de Cadastro de Pioneiro de Luzia Simão Martins. Acervo Museu Histórico de Londrina).

Esse tipo de referência é muito recorrente nas fichas arquivadas pelo Museu Histórico. Os nomes de todas as pessoas acima mencionadas constam no Memorial do Pioneiro, no entanto, apenas duas possuem fichas próprias, o que demonstra que a utilização dessas informações foi bastante profícua no processo de composição das listagens do Memorial do Pioneiro. Essa perspectiva avulta em importância se tomarmos em análise o conjunto de fichas das mulheres que foram homenageadas com nomes de ruas e também com a inscrição do nome no Memorial do Pioneiro, pois, do conjunto de 87 mulheres, mais de 62% não possuem ficha própria de pioneira, estando portando, incluídas nas fichas de filhos, pais, irmãos ou maridos. Tendo em vista a insuficiência de informações biográficas, junto às fontes do Memorial do Pioneiro no Museu Histórico, recorreremos às biografias que se encontram anexadas aos projetos de lei de nomeação de ruas no Arquivo da Câmara de Londrina.

Portanto, em tais textos biográficos é possível perceber uma heterogeneidade no perfil das homenageadas. São imigrantes e migrantes, são mulheres de posições sociais e também com ocupações diferentes, como mostra o seguinte exemplo:

“Nasceu em 7 de Setembro de 1902, em Almeria, na Espanha. [...] Para subsistir tiveram de exercer inúmeras atividades, como a de manter uma carrocinha de pipocas em frente às Casas Pernambucanas, na Av. Paraná, só que no tempo em que aquela região ainda não possuía calçamento. Na Rua Belo Horizonte venderam caldo de cana, na esquina com a Rua Belo Horizonte [sic]. Quem cuidava deste serviço era a esposa, Josefa”. (Projeto de Lei N/I que originou a Lei Municipal nº 5.989/1994. Denomina Rua Josefa Simões Gimenez).

A mensagem mais recorrente entre todas as biografias dessas mulheres é a participação delas na Londrina “das primeiras horas” e como suas vidas e seus trabalhos

contribuíram para o engrandecimento do pequeno povoado que se transformou em metrópole.

Nasceu em Meirinhas, Portugal, em 1º de Abril de 1893, chegou em Londrina em março de 1939, esposa do sr. Joaquim Pereira, fundador da Indústria Limoeiro sediada no Bairro Limoeiro Lote Nº 15, neste Município. [...] D. Maria de Jesus foi em vida, um exemplo de fraternidade e bondade, lutou ao lado do marido **com todo o vigor, em prol do desenvolvimento e progresso de Londrina**. (Projeto de Lei nº 61/91 que originou a Lei Municipal nº 4.670/1991. Denomina Rua Maria de Jesus, grifos nossos).

Note-se que a recorrência à figura masculina, como instrumento de validação da homenagem, está bastante presente nesses textos biográficos (SILVA, 2013).

É interessante perceber que o certificado do Título de Pioneiro de Londrina, entregue em 1984, durante as comemorações do Cinquentenário da cidade, é bastante referenciado para atestar o pioneirismo das homenageadas. Em alguns processos, é possível encontrar, anexada, a fotocópia do referido documento, com fim comprobatório. Em um projeto de lei, deparamo-nos com uma carta do filho do casal a ser homenageado, pedindo para que lhes fossem rendidas tais homenagens. Ele as justifica com o fato de seus pais serem, comprovadamente, pioneiros da cidade:

Para comprovação da condição de pioneiros, estou enviando em anexos cópias xerográficas dos diplomas conferidos 'in memoriam' a meus pais, por ocasião das comemorações do Cinquentenário de Emancipação Política do Município, realizadas em 10 de dezembro de 1984. (Projeto de Lei nº 09/94 - Lei Municipal nº 5.707/1994. Denomina Rua Célia dos Santos Sá).

A questão da maternidade e da dedicação aos filhos e ao marido, à família em geral, também aparece nos textos biográficos dessas mulheres duplamente homenageadas. “Sempre foi mãe dedicada e exemplar e ajudou o marido na empresa Casa Vila Real S/A, a construir esta cidade no início de sua colonização.” (Projeto de Lei nº 346/2002 - Lei Municipal nº 8.953/2002. Denomina Rua Judith Piccinin Faria.)

Assim, entendemos que não há um perfil único de mulheres representadas tanto no Memorial como nos logradouros da cidade de Londrina, elas são diversas. O que encontramos de semelhante são os discursos sobre a família, a participação no lar, a submissão do feminino em relação ao masculino. Nas biografias daquelas duplamente homenageadas, é forte o discurso sobre o pioneirismo como legitimador das homenagens. E, como se não bastasse, na narrativa apresentada nos textos biográficos há, comumente, a ideia de comprová-la por meio do Diploma de Pioneiro de Londrina. “Foi uma pioneira de

Londrina, que faz parte da história desta cidade.” (Projeto de Lei nº 167/94 - Lei Municipal nº 5.848/1994. Denomina Rua Emerenciana Gonçalves Cesar).

Agora, é necessário apontar que não só os nomes das mulheres homenageadas aparecem no Memorial do Pioneiro. Elas também lá estão representadas por meio das imagens de Paulo Menten, engastadas nos mastros.

Imagens de mulheres

No Memorial do Pioneiro existem 17 mastros, em 15 deles há pelo menos uma imagem. As imagens são todas de autoria do gravurista Paulo Menten, que as compôs ao longo de 25 anos e que foram selecionadas para integrar o Memorial. Para tal, foram colocadas em forma tridimensional por meio de uma resina que se assemelha, visualmente, ao cobre. Esse processo ficou a cargo de Roberto Vendrametto.

Desse conjunto, queremos compreender se texto e imagens corroboram o discurso acerca de um conceito expandido de pioneirismo em Londrina. Esperamos verificar, igualmente, quão sexualizadas são essas imagens e representações da Londrina pioneira e de que forma contribuem para a simetria ou a assimetria das relações de gênero.

Imagens são fontes preciosas para a história, no entanto, muitas vezes, podem ser tomadas como autoexplicativas (BURKE, 2004). Peter Burke procura refletir sobre como a história se relaciona com as imagens e também como procura diferentes formas de se relacionar com elas. Nesse sentido, ele recorre ao historiador da cultura, Jacob Burckhardt, ao mencionar que “‘Imagens e monumentos eram como testemunhas de etapas passadas do desenvolvimento do espírito humano’, objetos ‘através dos quais é possível ler as estruturas de pensamento e representação de uma determinada época.’” (BURCKHARDT apud BURKE, 2004, p.13). Desse modo, analisamos as imagens inscritas no conjunto monumental, concordando com Burckhardt, com o propósito de, por meio delas, acessarmos o pensamento e as representações da cidade de Londrina quanto ao pioneirismo e às relações de gênero.

Em sua obra, Burke é assertivo quanto à crítica do olhar inocente, ou seja, assim como os historiadores desenvolveram metodologias e uma arguta criticidade para a análise de fontes escritas, é preciso também fazer o mesmo em relação às imagens. É necessário “inquirir” as imagens, tentando perceber discursos e produções de sentidos nelas inscritos.

[...] as imagens não são nem um reflexo da realidade social nem um sistema de signos sem relação com a realidade social, mas ocupam uma variedade

de posições entre estes extremos. Elas são testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos veem o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação (BURKE, 2004, p.232).

O discurso da imagem – como todo discurso – é historicamente datado. Assim, é preciso refletir tanto sobre a historicidade da imagem como em relação à sua análise e percepções. É por isso que Burke defende um olhar menos inocente e mais atento a essas nuances e sutilezas da imagem. Desse modo, ele alerta que “[...] os historiadores não podem dar-se ao luxo de esquecer as tendências opostas dos produtores de imagens para idealizar e satirizar o mundo que o representam.” (BURKE, 2004, p.236-7).

Se refletirmos sobre as imagens inscritas no espaço urbano, podemos pensar que “A imaginária é uma das expressões da produção simbólica das sociedades. Contudo, a instituição dos símbolos está em correspondência com a dinâmica social e é no processo histórico que seus sentidos são criados e ressignificados.” (KNAUSS, 1999, p.158). As imagens, urbanas ou não, são como uma linguagem (JOLY, 1996), dando ao transeunte a apreensão de certos discursos. Calvino disse que “A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente.” (CALVINO, 2006, p.23) e, nesse sentido, Sandra Pelegrini procurou destacar que as imagens exibidas no espaço urbano produzem, nos observadores, determinadas leituras da cidade (PELEGRINI, 2008).

Desse modo, é preciso pensar as imagens como uma linguagem – ao mesmo tempo específica, heterogênea e múltipla –, e que, como os documentos na linguagem escrita, também devem ser escrutinadas. As imagens analisadas a seguir são obras de arte que foram transformadas em monumentos. O que nos interessa saber é que sentido essas imagens produzem ao estarem inscritas no espaço urbano londrinense, quais sentidos têm para o discurso do pioneirismo e quais sentidos revelam para as representações de mulheres.

Importante realçar que não há, na imaginária urbana londrinense, outras imagens de mulheres¹² além das obras de Menten no Memorial do Pioneiro, exceto uma única santidade feminina, Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Dessa forma, é significativo atentar para o Memorial do Pioneiro e em como as mulheres foram nele representadas.

São 15 obras de Menten nos mastros que compõem o Memorial do Pioneiro, e em seis delas identificamos a presença de figuras femininas, que sempre foram recorrentes na obra de Menten. No entanto, essas mulheres pioneiras de Menten são diferentes daquelas presentes em suas outras obras, são mulheres menos sensuais, mais recatadas e discretas. São mais “de família”, esposas que acompanharam seus maridos na aventura de abrir uma cidade no sertão. Assim, é frequente que as mulheres, no memorial, sejam representadas

com crianças, lembrando a sempre propalada “vocação natural” feminina para a maternidade e sua obrigação primeira, as lides domésticas (PINSKY, 2012). Há a representação da mulher-mãe em três das seis imagens de mulheres retratadas no Memorial.

As figuras presentes nos mastros são de dimensão mediana, em geral de 45cm x 54cm. O que essas obras de Menten têm em comum, além da representação do cotidiano de Londrina, no início da colonização na década de 1930, é a presença das construções de madeira e a simplicidade da chamada “cidade-menina” e que iria se agigantar em futuro próximo. Note-se que, em várias imagens, está representada a relação econômica que configurou a formação de Londrina, ou seja, a relação muito próxima entre campo e cidade e a figura do homem do campo.



Figura 3: Pioneiros - Paulo Menten (Memorial do Pioneiro).

Fonte: Elaborada pelo autor, 2013.

Ressaltamos, também, o fato de que os homens são representados de modo mais diverso, há aqueles que se mostram mais abastados, com seus ternos e guarda-pós (vestimenta muito utilizada para protegê-los da terra vermelha); há aqueles que aparentam maior simplicidade, talvez mais apropriada para o trabalho. As mulheres, nas três imagens, estão segurando ou protegendo uma criança, é a mulher que guarda o futuro, como podemos verificar na Figura 3.

O futuro das crianças e da cidade-menina é representado por Menten em uma figura única: a menina pioneira. Nessa obra, o artista retratou uma criança, com as mãos para trás,

em uma atitude tímida, acanhada. As crianças pioneiras representam o futuro, pois são elas que construirão a Londrina do porvir, e foram elas que cresceram junto com a cidade.



Figura 4: Menina Pioneira - Paulo Menten (Memorial do Pioneiro).

Fonte: Elaborada pelo autor, 2013.

Analisando o conjunto das obras do Memorial do Pioneiro, é possível perceber que, nas primeiras imagens, há a representação de uma cidade ainda simples e rústica, sem normas de urbanização, uma cidade que estava por ser feita. Porém, ao analisarmos as imagens nos últimos mastros, notamos a evidente transformação da paisagem, sendo essa agora mais urbanizada. Isso é perceptível pelo desnível existente entre a calçada e a rua, pela utilização dos muros para separar as residências e ainda pela presença de postes de energia elétrica, mostrando a transformação urbana sofrida pela cidade. Em uma dessas imagens, encontra-se, até mesmo, a torre de uma chaminé de indústria. Essas representações mostram o “progresso” que a cidade conheceu, porém, a outra imagem traz um incipiente pé de café, ou seja, mais uma demonstração de que a Londrina urbanizada e desenvolvida ainda estava atrelada ao campo e ao ouro verde, fonte de sua riqueza.



Figura 5: “Londrina Antiga: Paisagem Urbana 3” - Paulo Menten (Memorial do Pioneiro)
Fonte: Elaborada pelo autor, 2013.



Figura 6: Catita - Paulo Menten (Memorial do Pioneiro).
Fonte: Elaborada pelo autor, 2013.

Há mais duas obras nas quais identificamos representações das mulheres pioneiras. Uma delas mostra uma cena muito recorrente nas narrativas sobre a história de Londrina: a chegada da catita (Figura 6). Catita é o nome dado aos ônibus pioneiros da Viação Garcia, responsáveis por trazer os futuros compradores de terras até Londrina. Na inauguração do Memorial, em 2007, foi usada justamente uma catita para rememorar a chegada desses homens e mulheres em busca da construção de cidades e sonhos. Na obra também há o descompasso numérico entre homens e mulheres. No entanto, é sabido que os homens migravam primeiramente e depois buscavam as mulheres e crianças. Há sete personagens na imagem, e apenas uma é mulher.

A última imagem, na qual há representação feminina, é uma de grande destaque no conjunto monumental. Ocupando uma face inteira de um dos mastros, denominada “Mulher Pioneira”. Maior em dimensões (100cmx54cm) que as demais imagens, essa obra

apresenta uma mulher pioneira de braços cruzados sobre a frente do corpo. Está vestida de forma simples com um lenço a lhe envolver a cabeça. Parece posar para o retrato, descansadamente. O lenço na cabeça e as vestes simples nos levam a entender que a mulher trabalhadora está representada ali, seja no lar seja na terra. É uma imagem imponente, o que ressalta a importância da mulher simples, da mulher doméstica, da mãe e da esposa no processo de colonização da cidade de Londrina.

No entanto, lembramos que as relações de gênero não podem ser analisadas tomando homens e mulheres isoladamente, sem a percepção das relações de gênero em que ambos estão presentes. Ou seja, é preciso tomar também o masculino em análise para perceber como as relações de gênero estão delineadas e determinadas em qualquer fonte de análise, como o Memorial do Pioneiro e suas imagens. Desse modo, se pensarmos o conjunto de imagens, temos 11 imagens com presença masculina, e em 7 delas há exclusivamente a representação masculina. Percebemos, também, que a representação masculina se dá de forma mais diversa, contemplando igualmente as várias classes sociais que migraram para o norte do Paraná. É possível perceber que os homens retratados em algumas imagens estão vestidos com roupas mais sociais, chapéus menores, poses ativas e sem instrumentos de trabalhos, ao passo que em outras os homens apresentam-se de forma mais simples, usando chapéus largos.



Figura 7: Mulher Pioneira - Paulo Menten (Memorial do Pioneiro).
Fonte: Elaborada pelo autor, 2013.

Assim como a “Mulher Pioneira”, há o “Homem Pioneiro”, uma imagem única, na qual o homem pioneiro é retratado por Menten. Trata-se de uma imagem de proporções, bem maior que qualquer outra das obras do Memorial. O “Homem Pioneiro” mede 140cm de altura e 54 de largura, ocupando, desse modo, mais da metade de uma lateral do mastro (cada faceta do monumento tem 215cm de altura e 66cm de largura). A personagem representada revela-se, também, muito diferente da “Mulher Pioneira”.

Nessa obra, não há delicadeza nem serenidade, tampouco descanso, há ação. O homem de perfil indica com o braço arqueado o caminho, o movimento, direciona a ação.



Figura 8: Homem Pioneiro - Paulo Menten (Memorial do Pioneiro).
Fonte: Elaborada pelo autor, 2013.

Está de chapéu, paletó e botas, homem importante, urbano, não do campo. Faz-se o gênero, ou seja, a construção sociocultural das diferenças entre os sexos, e percebemos isso na comparação entre as imagens, do homem e da mulher pioneiros. Ao analisar as imagens, lembramos de Burke a nos dizer que os produtores de imagens podem tentar controlar as interpretações que os espectadores dão às figuras e, para isso, podem se valer do recurso da “[...] ênfase dada a uma pessoa e não a outra por diferenças em tamanho ou cor.” (BURKE, 2004, p.231). Nesse caso, a ênfase foi dada à ampla dimensão da imagem do homem pioneiro.

Cabe salientarmos, também, que há uma diferenciação do conceito de pioneiro explícito nesta imagem, daquelas primeiras formulações elaboradas acerca do pioneirismo. Sonia Adum destacou que as obras comemorativas, sobretudo a do Jubileu de Prata (1959), tratavam os pioneiros como os senhores vencedores e enriquecidos junto com o progresso

da cidade. “Esses protagonistas, que se materializam nas páginas das obras através de fotografias nas quais são apresentados rodeados por familiares em suas casas confortáveis, têm exaltados seus feitos e seus modos.” (ADUM, 2009, p.12).

Como mencionado, esse pioneiro representado nas obras de Menten é um pioneiro da ação, do combate, da coragem e do destemor, pouco combina com a imagem criada de um senhor confortavelmente instalado em sua residência e cercado por familiares, ou seja, uma ideia de acomodação que se distancia da ação.

Também foi possível notarmos, pela análise das imagens presentes nos mastros do Memorial do Pioneiro, que Paulo Menten, cuja obra sempre foi marcada pela representação de mulheres sensuais, rompe com essa tendência ao retratar mulheres quietas, recatadas. Imaginamos que o artista tenha entendido que nus e eroticidade não caberiam na proposta de retratar o pioneirismo, honrando os bravos homens e mulheres que, no sertão, construíram suas famílias e uma cidade. Mas, com isso, há também uma grande valorização do masculino. Mais uma vez, foram ocultadas do espaço certas mulheres pioneiras, as prostitutas. Elas chegaram junto com a Companhia, sendo, portanto, pioneiras, mas não ganharam destaque nas representações, talvez apenas sejam citadas em meio a tantos nomes.

O homem pioneiro, a quem cabem a bravura e o destemor, é que marca presença mais significativa no Memorial. Encontram-se ali reconhecidos como grandes construtores e responsáveis pelo sucesso da cidade. Há, sem dúvida, uma grande ampliação do uso da memória, com a construção do Memorial. Os pioneiros e as pioneiras são homenageados em ordem alfabética, sem distinção de etnia, gênero ou condição social. Mas há também uma assimetria nas relações de gênero e reforço de padrões e expectativas sobre as mulheres, e, para tal percepção, é preciso consultar as imagens, essa linguagem de traços e contornos que Paulo Menten inscreveu no espaço urbano de Londrina.

Totem ou semióforo? A imaginária urbana preenche de sentidos.

É preciso admitir que esses mastros são imbuídos de caráter único, foram erguidos para conectar gerações de cidadãos e remontar a um tempo áureo da cidade, ainda muito vivo na memória. Possuem o caráter da imaginária urbana, como ressaltou Paulo Knauss (2009b), de carregar de sentido o espaço e promover a identificação com a população. Assim, poderiam também ser entendidos enquanto semióforos, elementos destituídos de valor real e de utilidade, mas bastante dotados de valor simbólico.

De origem grega, a palavra semióforo (semeiophoros) tem sua formação a partir de outras duas: semeion, que significa sinal ou signo; e phoros, que significa expor, trazer para

frente. Marilena Chauí comenta que o *semeiophoros* está, igualmente, ligado ao sentido de fecundidade, pois phoros também significa pegar – na acepção de que uma planta pega, vinga na terra. Contudo, mais do que em razão da origem etimológica da palavra, “[...] um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação.” (CHAUÍ, 2001, p.12).

Marilena Chauí explica que, anteriormente, os semióforos eram plaquetas deixadas nas estradas para indicar o caminho e, quando postas em frente a determinados prédios, indicavam-lhes a função. Mas a palavra também significou os estandartes, carregados pelos exércitos, anunciando suas origens ou dando instruções aos combatentes. Para a filósofa, “Como algo precursor, fecundo ou carregado de presságios, o semióforo era a comunicação com o invisível, um signo vindo do passado ou dos céus, carregando uma significação com consequências presentes e futuras para os homens.” (CHAUÍ, 2001, p.12). E a autora prossegue, reforçando o elevado caráter simbólico desses elementos: “Com esse sentido, um semióforo é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica.” (CHAUÍ, 2001, p.12).

Contudo, é imperativo saber quais elementos se encaixam nessa concepção de semióforos, quais elementos seriam esses portais que ligam o visível ao invisível. Aquilo que, nos primórdios, era tabuleta indicativa, hoje pode ser entendido até como uma pessoa:

[...] no topo das sociedades “encontram-se sempre um ou mais homens-semiíforos, que são os representantes do invisível: dos deuses ou de um deus, dos antepassados, da sociedade vista como um todo etc.” Esses homens-semiíforos estabelecem uma distância entre eles e os outros, rodeando-se de objetos-semiíforos e deles fazendo alarde. (ABREU, 1996, p.44).

Expandindo o conceito, Chauí argumenta que:

Um semióforo é, pois, um acontecimento, um animal, um objeto, uma pessoa ou uma instituição retirados do circuito do uso ou sem utilidade direta e imediata na vida cotidiana porque são coisas providas de significação ou de valor simbólico, capazes de relacionar **o visível e o invisível, seja no espaço, seja no tempo**, pois o invisível pode ser o sagrado (um espaço além de todo o espaço) ou **o passado ou o futuro distantes (um tempo sem tempo ou eternidade)**, e expostos à visibilidade, pois é nessa exposição que realizam sua significação e sua existência. (CHAUÍ, 2001, p.12, grifos nossos).

O semióforo não é apenas o elemento em si, mas também, como aponta Chauí, algo relacionado com rituais e lugares aos quais está ligado.

É um objeto de celebração por meio de cultos religiosos, peregrinação a lugares santos, representações teatrais de feitos heroicos, comícios e passeatas em datas públicas festivas, monumentos; e seu lugar deve ser público: lugares santos [...], templos, museus, bibliotecas, teatros, cinemas, campos esportivos, praças e jardins, enfim, **locais onde toda a sociedade possa comunicar-se celebrando algo comum a todos e que conserva e assegura o sentimento de comunhão e de unidade** (CHAUÍ, 2001, p.12, grifos nossos).

A utilização de totem nas fontes oficiais sobre o Memorial é mais do que uma prática semântica ingênua, implica em uma produção de sentido. É a sacralização do discurso do pioneirismo e dos pioneiros e pioneiras, agora catapultados para a condição de guardiões da cidade, antepassados protetores. Entendemos o Memorial do Pioneiro como semióforo, tendo em vista que foi construído com o propósito de não apenas homenagear os “pioneiros” e “pioneiras” da cidade, mas também de unir a população por meio de um valor ou de personagens que a coletividade unida comungasse. Tem a capacidade de coligar passado e presente, é uma espécie de portal temporal.

Como procuramos mostrar, na construção desse conjunto monumental, há uma significativa reformulação dos conceitos de pioneiro e de pioneirismo, açambarcando agora 3.000 nomes a mais do que na comemoração do Cinquentenário. Foram 577 em 1984 e 3.800 no Memorial do Pioneiro, em 2007. Com isso, houve também maior participação numérica das mulheres, pois em 1984 foram 236 homenageadas e, em 2007, esse número passou para 1.212. Conseqüentemente, ocorreu a diversificação das homenageadas. Conquistaram espaço as mulheres pobres, as donas de casa e as empregadas domésticas. O Memorial instituiu que é pioneiro quem chegou primeiro e não quem venceu, quem deteve – e/ou ainda detém – poder, alteração que é basilar para a inclusão das mulheres nesse conceito e no espaço urbano, rompendo algumas das barreiras entre o público e o privado.

Recebido em: 30/03/2016

Aprovado em: 21/04/2016

NOTAS

¹ CASTRO (1994) cita dados de José Maria Tavares. Ethos do pioneiro. Semina: revista cultural científica da Universidade Estadual de Londrina. Londrina v.1, n.1, p.34, abr./jun. 1975.

² Em 1983, um ano antes do cinquentenário da cidade, passou a ser comemorado o Dia do Pioneiro, anualmente, no dia 21 de agosto, remontando à data em que chegou à região a primeira caravana de

funcionários da Companhia de Terras para começar os trabalhos de agrimensura. Essa é uma celebração bastante centrada no papel da Companhia de Terras.

³ Juntamente com o Título, foi criada uma comissão responsável pelos festejos do Cinquentenário e da atribuição dos certificados. Esta comissão comunicou-se com a população, por meio dos periódicos da cidade, a fim de que lhe fossem entregues documentos e dados dos possíveis pioneiros. Assim, no dia 10 de dezembro de 1984, no Ginásio de Esportes Moringão, 577 pessoas foram homenageadas com o título “Pioneiro de Londrina”, dos quais 236 ou 40,9% são mulheres.

⁴ É preciso destacar que não há referência a uma história da cidade antes da Companhia de Terras, esta continua a ser entendida como o agente motriz da cidade e do seu desenvolvimento, tendo em vista que a data inicial é 1929, a chegada dos funcionários da CTNP à região.

⁵ Nedson Luiz Michelletti, bancário, foi eleito prefeito de Londrina pelo Partido dos Trabalhadores em 2000 e reeleito em 2004.

⁶ Em 2005, o mestre das gravuras envereda pela poesia e lança seu primeiro livro, “Diário de bordo inseguro”. Na obra há poemas de Menten sobre o mar, sobre as façanhas dos marinheiros, seus sonhos, anseios e medos.

⁷ Catálogo da Exposição Paulo Menten – Gravuras – 75 anos, 2002.

⁸ O Memorial do Pioneiro, alvo de intensas contentas para sua construção, está atualmente em estado de abandono pelo poder público e pela população. Cartazes publicitários e manifestos diversos foram colados em seus mastros, alguns deles foram pichados. A situação se agravou a partir de 2010, quando a sede da Secretaria Municipal da Cultura, situada em frente ao Memorial, foi – provisoriamente – transferida. Situação que permanece até hoje.

⁹ O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss escreveu obra basilar para a compreensão do totemismo, trata-se do livro publicado em 1962 “O totemismo hoje”. Nesta obra Lévi-Strauss procura relativizar a significância desse conceito, considerando que certos antropólogos teriam maximizado suas análises. O autor acredita que nem todos os entendimentos sobre as relações parentais e as manifestações dos “espíritos guardiães” devam ser consideradas como totemismo. Lévi-Strauss, Claude. *O totemismo hoje*. Tradução Malcolm Bruce Corrie. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

¹⁰ Uma análise pormenorizada das representações de mulheres no espaço urbano, por meio das nomeações de logradouros públicos, é apresentada em SILVA, Bruno S. M. Representações de gênero no espaço urbano: nomeações de ruas em Londrina (1981-2008). Dissertação (Mestrado em História). Assis: Unesp, 2013.

¹¹ Destaque-se que há 360 nomes que não foi possível identificar como homens ou mulheres devido, sobretudo, à grafia estrangeira e à falta de informações biográficas, representando, 9,5% do total.

¹² Sobre a imaginária francesa do século 19, Michelle Perrot destaca que: “a estatuária abundante do século 19 multiplica as alegorias femininas nos frontões das estações ferroviárias ou dos bancos, coloca musas ao lado dos grandes homens que elas coroam. [...] As cidades do século 19 estão submersas em imagens de mulheres”. (PERROT, 2005, p.349).

FONTES

Folha de Londrina, 22 de agosto de 2006.

Projeto de Lei nº 61/91 - Lei Municipal nº 4.670/1991. Denomina Rua Maria de Jesus.

Projeto de Lei nº 09/94 - Lei Municipal nº 5.707/1994. Denomina Rua Célia dos Santos Sá.

Projeto de Lei nº 167/94 - Lei Municipal nº 5.848/1994. Denomina Rua Emerenciana Gonçalves Cesar. *Projeto de Lei* N/I - Lei Municipal nº 5.989/1994. Denomina Rua Josefa Simões Gimenez.

Projeto de Lei nº 346/2002 - Lei Municipal nº 8.953/2002. Denomina Rua Judith Piccinin Faria.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal*. Memória e estratégias de consagração do Brasil. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996

ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. *Imagens do Progresso: Civilização e Barbárie em Londrina 1930/1960*. 1991. 259f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Assis, 1991.

_____. Práticas discursivas, patrimônio e memória: Monumento Memorial do Pioneiro. IN: SILVA, Claudia. MORAES, Vanda (Orgs.). *Encontro Cidades Novas: a construção de políticas patrimoniais*. Londrina: edição humanidades, 2009.

ARIAS NETO, José Miguel. Pioneirismo: discurso político e identidade regional *História & Ensino*: Revista do Laboratório de Ensino da UEL, Londrina, v.1, n. 1.p 69-82.1995

_____. O Eldorado: Representações da política em Londrina: 1930 – 1975. Londrina: EDUEL, 2008.

BONI. Paulo César. As transformações geográficas e populacionais de Londrina na década de 40 IN: BONI, Paulo César. (Org.). *Certidões de Nascimento da História: o surgimento de municípios no eixo Londrina – Maringá*. Londrina: Planográfica, 2009.

BRISOLARA, Maria Cristina Freitas. *A representação da mulher na cidade do Rio Grande em dois marcos temporais: um olhar semiótico sobre um jeito de fazer história*. 2007. 343f. TESE (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso). Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CASTRO, Rosimeire Aparecida Angelini. *O cotidiano e a cidade: práticas, papéis e representações femininas em Londrina (1930-1960)* 1994. 329f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1994.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

IVANO, Rogério. *Crônicas de Fronteira: imagem e imaginário de uma terra conquistada*. 2001. 217f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Assis, Assis, 2001.

JOLY, Martine. *Introdução à análise de imagem*. Campinas: Papirus, 1996

KNAUSS, Paulo et.al. Esfinges urbanas: quadros da imaginária urbana. IN: KNAUSS, Paulo. *Cidade Vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999a.

KNAUSS, Paulo. Introdução. In: _____. *Cidade Vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999b.

_____. Introdução. In: _____. *Sorriso da Cidade: imagens urbanas e história política de Niterói*. Niterói: Fundação de Arte de Niterói, 2003.

Lévi-Strauss, Claude. *O totemismo hoje*. Tradução Malcolm Bruce Corrie. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

O 'PAI' dos totens do memorial. *Folha de Londrina*, 22 ago. 2006.

PELEGRINI, Sandra. A arte pública e a materialização das memórias históricas na cidade de Maringá. *Revista Esboços*, Maringá, v. 15, n. 19, p. 217-239, 2008.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.